

# José Mendonça

Jornalista e professor

Um presente biográfico



***Márcio de Ávila Rodrigues***

Endereços  
na internet:

<http://recantodasletras.uol.com.br/autores/marcioarodrigues>

<http://marcio.avila.blog.uol.com.br/>

[marodrigues17@hotmail.com](mailto:marodrigues17@hotmail.com)

O jornalista e professor mineiro José Mendonça não poderia ter recebido melhor presente de 92 anos de idade: um livro sobre sua vida.

O aniversário foi no dia 22 de dezembro de 2009, mas a noite de autógrafos foi antecipada em cinco dias.

O livro é **José Mendonça: a vida revelada**, escrito por Flávio Friche, Manoel Marcos Guimarães e Maria Auxiliadora de Faria, publicado pela Editora UFMG.

Comprei o meu exemplar por R\$ 20,00 na Livraria do Conservatório UFMG, na rua Guajajaras nº 100, Belo Horizonte.

Tive a honra de ser aluno dele por duas vezes, em torno de 1990, no curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Mas, na verdade, já tinha consciência de quem ele era, e também de sua importância, antes mesmo de conhecer seus ensinamentos.

Praticamente eu seguia as suas pegadas.

Em 1972, com apenas 17 anos, eu virei colunista de turfe no agora extinto *Jornal de Minas*, sucessor de *O Diário*, este mais conhecido como *Diário Católico*.

Jovem demais, não me aprofundei na história do jornal; só agora, lendo a biografia, soube o quanto esta história se misturava com a do próprio Mendonça, que entrou como repórter em 1938 (o jornal foi fundado em 1935), passou a editor-chefe em 1943 e o dirigiu até 1965 (em 1972 foi vendido e virou *Jornal de Minas*).

No final da década fui trabalhar (colaborador pago) na sucursal de *O Globo*; lá me contaram que ela foi praticamente montada por ele.

O **Vida Revelada** informa que Roberto Marinho, o *Homem-Globo*, contratou José Mendonça para fundar a sucursal em 1958, que ele assumiu como diretor de redação enquanto dois executivos se sucederam para cuidar da parte administrativa; em 1964 ele assumiu a direção geral até se aposentar em 1978.

Para melhor entendimento de quem não é do ramo, explico que sucursal é uma representação de um jornal em outra cidade.

Até o início dos anos 1990 era praxe de todos os grandes jornais brasileiros manter uma sucursal em cidades-chave como Belo Horizonte, com diretor geral e comercial, chefia de redação, repórteres, fotógrafos, motoristas e telexistas; em suma, uma miniredação, um minijornal.

Só no final da década de 1980 é que ingressei na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da UFMG, quando finalmente tive a oportunidade de conhecê-lo — e aprender com ele.

Quando fiz a primeira disciplina de sua responsabilidade, observei um grande desinteresse da maioria dos alunos e que, surpreendentemente, o professor Mendonça era o motivo.

Concluí que os colegas ainda estavam sob a influência dos cursinhos pré-vestibulares, que geralmente só escolhiam — acredito que ainda hoje seja assim, mas já não frequento este micromundo — os professores pela capacidade de cativar os jovens.

O meio universitário jamais teve tal foco, e o nosso mestre setentão era o oposto: sua aula parecia uma reunião de amigos à antiga.

O ritmo era de conversa em tom baixo, sem controle de horário ou de distribuição de assuntos, mais preocupado em transmitir as informações e experiências solicitadas do que em distribuir o tempo e os assuntos com técnicas pré-definidas.

Uma sessão de aprendizado.

**Cheguei a comentar com colegas:** *José Mendonça é o “papa” do jornalismo na Fafich, a grande oportunidade de aprender é agora; quem perder, perdeu.*

**Um ano depois, fiz nova disciplina com ele, quando percebi que a maturidade estava alcançando meus colegas:** *os que se matricularam tinham total atenção, as aulas eram dadas com as cadeiras dispostas em círculo, que se fechava sobre ele.*

**Não voltei a ver o professor, que se aposentou em 1992, aos 75 anos.**

**Um exemplo de vida.**



José Mendonça e esposa no Rotary Club, em 2008

**José Mendonça na mídia:**

*Jornal Hoje em Dia:*

## **Biografia rende tributo à trajetória do professor e jornalista José Mendonça**

José Antônio Orlando - Repórter - 17/12/2009 - 17:54



FOTO DE RENATO COBUCCI

*José Mendonça é o mestre de gerações de jornalistas*

“Minhas melhores lembranças estão relacionadas à evolução da imprensa e dos processos gráficos em Belo Horizonte e em Minas. E as piores são das duas ditaduras, a de Getúlio e a dos militares, depois de 1964. Sofri demais com estes dois regimes de exceção”, recorda José Mendonça, feliz por manter a lucidez e o bom-humor aos 92 anos. A história de vida do professor e jornalista está reunida no ensaio biográfico “José Mendonça – A Vida Revelada” (Editora UFMG), que será lançado hoje (17), com noite de autógrafos a partir das 19h30, na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

A memória prodigiosa de Mendonça relatou aos três autores do perfil biográfico alguns dos momentos marcantes do jornalismo e do sindicalismo no Brasil do século XX – driblando a censura desde a ditadura Vargas, nas décadas de 1930 e 1940, resistindo à repressão instaurada pelo regime militar, em 1960 e 1970, e na luta pela redemocratização e pela reconquista do Estado Democrático durante os anos 1980. Resultado de uma série de entrevistas com o biografado e com seus antigos colegas de redação e da universidade, o livro foi escrito pela historiadora Maria Auxiliadora de Faria e por dois ex-alunos de Mendonça: os jornalistas Flávio Friche e Manoel Marcos Guimarães, graduados pela UFMG em 1971 e 1973, respectivamente. Lakshmi Ananda de Mendonça Rezende, neta de Mendonça, também participou da coleta e sistematização dos depoimentos.

“Dos encontros semanais, regados a deliciosos cafés e quitandas mineiras, somaram-se pelo menos 20 horas de conversas e, principalmente, para nós, de profícuo aprendizado”, confessam os autores, na apresentação ao livro, destacando a opção do biografado pela simplicidade. “O que ressalta da história de vida do professor Mendonça – e fica bem claro nos depoimentos recolhidos – é sua absoluta dedicação a todos os empreendimentos de que participou, sempre de maneira discreta, porém firme, sem qualquer sinal de vaidade ou de procurar atrair holofotes”.

Nascido em Alfenas, Sul de Minas, em 22 de dezembro de 1917, Mendonça, como destaca o ensaio biográfico, foi protagonista de uma trajetória de ações singulares: amigo de intelectuais e escritores, liderou a resistência à repressão do Estado Novo, chefiou redações importantes durante momentos difíceis da história do Brasil, foi o segundo presidente eleito para o Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais (o primeiro foi Ney Octaviani Bernis) e um dos criadores, ao lado dos professores Adival Coelho e Anis Leão, do primeiro curso de Jornalismo de Minas Gerais, na UFMG.

---

*José Mendonça – Jornalista e professor – Um presente biográfico*

Por muitos anos diretor de redação de um dos principais jornais da América Latina, “O Diário” (também conhecido como “Diário Católico”), Mendonça também foi chefe de redação da sucursal de “O Globo” em Belo Horizonte e correspondente por muitos anos da “Folha de S. Paulo”. Professor da UFMG desde a fundação do curso de Jornalismo, em 1962, até 1992, quando se aposentou, foi responsável pela formação de várias gerações de jornalistas profissionais em Belo Horizonte e Minas Gerais. Uma das máximas atribuídas a Mendonça, recordam os autores no livro, é sempre citada com alegria por seus ex-alunos: “Notícia é aquilo que a gente não sabia e fica sabendo”.

“O que é mais importante em qualquer notícia, de qualquer natureza, é o respeito aos princípios da ética e do bom-senso. Esta deveria ser a meta central de qualquer veículo de comunicação: prestar o serviço de informação ou entretenimento sem apoiar ofensas ou a queda de princípios e de valores básicos da vida em sociedade. Deveria ser, mas infelizmente não tem sido assim”, analisa Mendonça. Sobre as novidades tecnológicas, ele assume que ficou atrasado no tempo.

“Não acompanhei este processo acelerado e recente da Internet. Não sou internauta. Por causa disso, sou humilhado com frequência por meus netos”, ironiza. O lançamento do ensaio biográfico é motivo de orgulho. “É uma homenagem que me deixa emocionado”, confessa. Mendonça não tem livros publicados, mas tem muitos planos. Diz que tem vários originais rascunhados na gaveta que pretende lançar em breve, incluindo uma série de apostilas que formam um curso completo de jornalismo. “Tenho que apressar o passo enquanto é tempo”, completa, muito bem-humorado, lembrando passagens dramáticas de sua biografia e alguns dos grandes momentos da imprensa no Brasil.

“Os jornais que eu acompanhava com muita atenção hoje estão extintos, caso do ‘Correio da Manhã’ e do ‘Diário de Notícias’. Também fui um leitor apaixonado pelo antigo ‘Jornal do Brasil’, da época da reforma chefiada pela condessa Pereira Carneiro, nos anos 1950, que provocou uma revolução em todos os jornais e revistas do país e deixou reflexos que permanecem até nossos dias”, avalia.

Mendonça recorda também que foi durante sua gestão à frente do Sindicato dos Jornalistas, entre 1951 e 1953, que foi dado o primeiro passo para eliminar a exigência de apresentação de atestado de antecedentes políticos para os candidatos a dirigente sindical: também conhecido como atestado de ideologia, o documento era expedido pela Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) e tinha que afirmar que os candidatos não participavam de nenhuma corrente totalitária, de direita ou de esquerda. A diretoria liderada por Mendonça recusou-se a cumprir a norma.

A recusa do grupo de Mendonça, que teve repercussão nacional, é apontada como um dos fatores que levaram o então ministro do Trabalho de Vargas, Danton Coelho, a cancelar a exigência em 1951. O atestado oficial de ideologia terminou substituído por uma declaração de próprio punho do candidato, garantindo que não professava ideologias extremistas e que era democrata. Como destacam os autores do ensaio biográfico “A Vida Revelada”, citando o belo pensamento que abre a autobiografia do colombiano Gabriel Garcia Márquez, “Viver para Contar”, publicada no Brasil em 2003 – “A vida não é a que a gente viveu e sim a que a gente recorda e como a recorda para contá-la”.

*Jornal Estado de Minas:*

Seção : [Arte e Livros](#) - 17/12/2009 09:58

## **Livro sobre José Mendonça é lançado em BH**

### ***Fundador do curso de jornalismo da UFMG ganha homenagem***

João Paulo - EM Cultura



José Mendonça com a mulher Maria Tereza, em 1960, em viagem para o Congresso de Imprensa Católica

Na semana que vem, José Mendonça completa 92 anos. Como ele mesmo gosta de dizer, trabalhou a vida toda, de manhã, de tarde e de noite, e isso só lhe fez bem. Hoje, com a memória em forma, pode se orgulhar de uma história de vida construída na imprensa e na universidade. Parte dessas lições está no livro José Mendonça – A vida revelada, que será lançado nesta quinta-feira, na Biblioteca Pública, dentro do projeto Sempre um papo. Escrito pelos jornalistas Flávio Friche, Manoel Marcos Guimarães e pela pesquisadora Maria Auxiliadora de Faria, o livro é ao mesmo tempo história pessoal e retrato de época. Testemunha profissional de um período marcante da vida brasileira, José Mendonça fez do jornalismo uma barricada em defesa de valores éticos e democráticos, como demonstram as dezenas de depoimentos que ajudam a compor o painel apresentado pelo livro.

O volume é dividido em três partes. Na primeira, de corte mais biográfico, é contada a história de vida de José Mendonça, de sua infância vivida em Diamantina, dos estudos no seminário, do gosto pelas línguas – entre elas o latim, da qual se tornaria tradutor – e da história. Em Belo Horizonte, ainda moço, começa a dar aulas para sobreviver, entrando em seguida no ofício ao qual entregaria sua vida: o jornalismo. As convicções católicas, profundamente plantadas no seminário de Diamantina, estarão presentes na militância no jornal O Diário, mais conhecido como Diário Católico.

A segunda parte trata exatamente do jornalismo. Os autores contextualizam a criação do jornal católico da Arquidiocese de Belo Horizonte dentro do horizonte político da época. Na avaliação de dom Cabral, faltava à Igreja um órgão que levasse à população a visão de mundo e de política da instituição. Desde a década de 1930, o diário cumpriu esse papel. José Mendonça trabalhou ao lado de nomes como Edgar da Matta Machado, Guilhermino César e Milton Amado, entre outros. O ofício de jornalista o levaria a

enfrentar as ameaças à liberdade de imprensa, nos períodos ditatoriais do Estado Novo e dos primeiros anos do regime militar instalado em 1964.

Ainda no âmbito do jornalismo, José Mendonça esteve presente na fundação do sindicato da categoria, do qual foi o segundo presidente. Na terceira seção do livro entra em cena o professor Mendonça, como ficou conhecido por várias gerações de jornalistas. Fundador do curso de jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais, ao lado de Anis José Leão e Adival Coelho de Araújo, trabalhou na universidade de 1962 até a aposentadoria compulsória, em 1992. Durante 30 anos trouxe para a UFMG as qualidades que o tornaram distinto no meio profissional: o saber profundo da língua, a visão ética do jornalismo, o conhecimento das humanidades. E, sobretudo, a mansidão de modos que não abrandava a determinação em termos de valores.

#### **José Mendonça – A vida revelada**

Lançamento quinta-feira, às 19h30, na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, anexo Francisco Iglésias (Rua da Bahia, 1.889, 2º andar, sala de cursos. Informações: (31) 3261-1501 ou [www.sempreumpapo.com.br](http://www.sempreumpapo.com.br).